

**Cultura Pré-Romântico: crítica ao Iluminismo e idéia de Decadência
(1750-1784).**

Márcio Macedo Moreira
Universidade Federal da Paraíba
Graduando

José Ernesto Pimentel Filho (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba
Professor Doutor

Resumo

O pensamento racional formulou a idéia de civilização, o apogeu do homem estava por vir pelo refinamento dos costumes e pela valorização da polidez. Para os iluministas “as leis naturais” levariam o homem ao progresso, logo civilização e progresso são conceitos inseparáveis. Ocorre que dentro do movimento iluminismo denominado Ilustração se deu a crítica à idéia de progresso. Esta crítica se iniciou com Jean-Jacques Rousseau, genebrino que a partir de suas obras criticou a idéia de razão e formulou o pessimismo histórico do qual a civilização estava desmoralizada, corrompida e desligada de suas vontades naturais nobres. Rousseau abriu as portas para uma crítica mais forte para o racionalismo iluminista que veio de uma Alemanha descrente de seus ideais políticos e nacionais. O *Sturn und Drang*, movimento cultural e literário organizado por jovens alemães da classe média criticou a corte prussiana de Frederico II e formulou a idéia de *kultur*. Tanto em Rousseau como no *Sturn und Drang* se origina o sentimentalismo romântico e dentro deste sentimentalismo o pessimismo. A idéia de uma “civilização” decadente era evidente e já que a solução era abstrata cabia aos poetas alemães e a Rousseau apenas deslumbrar a decadência do homem. A metodologia usada para o trabalho foi derivada da leitura de textos traduzidos das obras de Rousseau, Herder e Goethe assim como teóricos da idéia de decadência tais como Le Goff e Harman. Este movimento que vai de 1750 com a publicação do *Discurso sobre as Ciências e as Artes* de Rousseau até 1784 quando Herder termina de publicar *Idéias para a Filosofia da História da Humanidade* montou as bases para o Romantismo, movimento filosófico do século XIX que continua até os dias atuais. A idéia de decadência da “civilização” ocidental esteve sempre presente nos debates filosóficos e historiográficos, idéia esta lançada pelo movimento acima citado.

Palavras – chave: 1- Idéia de decadência 2- Pré-Romantismo 3- Iluminismo

1.0 Apresentação

O século XVIII foi o século das luzes na França assim como na Alemanha foi o século das brumas. A idéia de progresso e de uma ciência cartesiana preponderava no pensamento francês. Objetividade e racionalismo diferenciavam civilização e barbárie. No mesmo século XVIII o Iluminismo foi criticado em duas frentes, de um lado Rousseau, com “uma reflexão sobre o homem e o homem “natural” – historicidade da razão e das linguagens, história do homem, do homem mau. O amor de si que se desvia em amor próprio, pela razão” (Ituassu, 2002, p.184). Do outro lado, na Alemanha, a crítica vem do movimento conhecido como *Sturm und Drang*. Movimento de jovens alemães que buscavam uma identidade nacional ao criticar a corte alemã. Entre estes se destacaram Herder, o jovem Goethe e Schiller.

No embate historiográfico a crítica ao Iluminismo tanto em Rousseau quanto no *Sturm und Drang* estava centrado no pessimismo histórico relativo a idéia de decadência. Certamente Rousseau e o *Sturm und Drang* não concordavam em todos os pontos relativos ao processo civilizador que será explicado adiante.

Rousseau e o *Sturm und Drang* trazem uma nova maneira de pensar a idéia de progresso, esta linguagem agora está na decadência. Razão, costumes civilizatórios, urbanidade entre outras características do Iluminismo serão duramente criticados.

Foi a partir de Rousseau que o progresso Iluminista passou a ser criticado, ainda que o próprio Rousseau fosse um Iluminista. Rousseau influenciou o *Sturm und Drang* nos aspectos relativos a volta ao estado de natureza e ao subjetivismo. Este período dos anais da crítica ao Iluminismo é conhecido como pré-romantismo.

Entre a crítica de Rousseau e a do *Sturm und Drang* há uma diferença fundamental exposta por Norbert Elias:

A despeito de todo o radicalismo de sua crítica social, porém, Rousseau não chegou a forjar um contraconceito inclusivo e unificado contra o qual lançar as críticas acumuladas. (...) Enquanto os membros da *intelligentsia* alemã de classe média (...) forjam conceitos que divergem frontalmente dos modelos da classe alta. (...) À parte alguns estranhos, como Rousseau, não opõem ideais e modelos dessa ordem. As palavras “falsa civilização” contêm tudo o que a diferencia do modelo alemão.

Os escritores franceses sugerem que a falsa civilização deve ser substituída pela autêntica. (ELIAS, 1994, p.55)

Elias em seu clássico *O processo civilizador* (1939), expõe no volume 1 a construção da idéia de civilização tanto na França quanto na Alemanha. Para ele é a estrutura da construção do Estado que diverge o conceito de *Zivilisation* na França contra o conceito de *Kultur* na Alemanha. A França constrói o conceito de civilização e o leva até a corte alemã, a sociedade perfeita é uma sociedade “civilizada” com etiquetas e costumes nobres. Frederico II é o maior exemplo de como a corte alemã estava carregado de pensadores franceses entre eles Voltaire do qual foi de estima amizade para com o rei da Prússia. Da crise de identidade da corte e de uma Alemanha esfacelada territorialmente surge uma classe média desesperançada e pessimista.

Enquanto a Inglaterra já realizou sua revolução política e na França se trava a luta ideológica da qual a realeza sairá vencida, a Alemanha esgotada pela guerra dos Trinta Anos, ainda não passa de um conglomerado de Estados que só tem em comum a língua. Os príncipes, mais preocupados em manter os seus privilégios do que em assegurar o bem-estar de seus povos, são solidários das aristocracias estrangeiras que eles se esforçam por macaquear. (AUTRUSSEAU, 1982, p.109)

O *Sturn und Drang* buscava uma mudança política na Alemanha, mas como não encontrava brecha para se expressar, para criticar o projeto civilizador francês, utilizavam a literatura para tal processo. A única maneira de combater a *zivilisation* era impondo o projeto de *kultur*. Foi na busca desta cultura, que hoje podemos chamar de cultura popular o que Herder, sob a influência dos irmãos Grimm, valorizou as raízes alemã e moldou uma História Cultural alemã. A decadência para os alemães estava na extrema sensibilidade, “no amor de si” com características ambíguas em Herder e Goethe. No discurso de *kultur* esta guardada a decadência da *zivilization*.

Rousseau é um “estranho” na França até certo ponto. Seu objetivo não é adotar a *kultur*, como salvação pra o projeto civilizador, mas é criticar vertentes iluministas que adotam os costumes bizarros das artes e das ciências como estado perfeito da civilização. Rousseau critica a civilização do progresso e busca uma civilização perfeita, contratualista e de plena liberdade para seus cidadãos.

Exposta as contradições entre Rousseau e o *Sturn und Drang* para não nos iludir, as duas vertentes de pensamento tem um ponto em comum de grande importância para a História e para a Filosofia: a origem do Romantismo. Pessimismo, irracionalismo e ilusão são palavras-chave usadas contra a

“verdade” burguesa de progresso e civilização expostos no Iluminismo, são palavras românticas que desembocam na linguagem da decadência.

2.0 O Pessimismo rousseauiano

Rousseau, Herder e Goethe olhavam a natureza, as origens do homem, como estado de paz e de vigor. A civilização representada pela urbanidade foi originada pela desgraça do mundo, pelo homem corrompido. A partir de agora observaremos como estes pensadores viam a natureza como refúgio para o espírito humano.

Rousseau busca conhecer o homem em seu estado mais natural e em seguida expõe como este homem foi corrompido. Duas obras são importantes para tal levantamento: *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) e *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754/55). A desigualdade para Rousseau não decorria da natureza, pois no estado de natureza o homem era livre e feliz, ao viver de acordo com a sua conservação, “os únicos bens que conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso; os únicos maus que teme, a dor e a fome” (ROUSSEAU, 1988, p.48.) O progresso levou este “*noble savage*” ao enfraquecimento. Na primeira parte do livro sobre a desigualdade entre os homens, Rousseau descreve como o homem em seu estado selvagem é forte e veloz e como este homem ficou fraco e lento com o progresso civilizador. A origem da desgraça humana Rousseau descreve quase sempre nas aberturas de seus principais livros. No início do livro II sobre a Origem das Desigualdades Rousseau expõe:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupariam ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “defendei-vos de ouvir esse impostor: estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!”(Rousseau, 1988, p. 63)

A propriedade privada levou o homem a decadência, propriedade esta tão louvada por Locke e outros iluministas. Além desta citação á outras de grande importância:

Tudo esta bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem. Ele força uma terra a alimentar as produções de outra, uma arvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila o seu cão, seu cavalo, seu escravo. Perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e os monstros. Não quer

nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem; é preciso que seja domado por ele, como um cavalo adestrado; é preciso apará-lo a sua maneira, como uma árvore de seu jardim. (ROUSSEAU, 2004, p.7)

No *Contrato Social* (1757), Rousseau expõe no capítulo I, “O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles”. É sobre esta ótica pessimista do homem civilizado que Rousseau critica e inaugura a profetização da decadência do homem. O progresso civil trouxe para o homem o aprisionamento ao submeter o homem ao trabalho e à miséria. A direção que Rousseau toma para a História não ficou clara. No *Contrato Social e no Emílio* (1762) uma sociedade utópica é construída por Rousseau como solução para resolver os problemas do homem. Ocorre que o próprio Rousseau não coloca a mão no fogo por suas idéias. No caso da educação, uma das maneiras de solucionar a decadência humana Rousseau escreve:

Mas terei dito que era fácil uma educação natural? Ó homens! Será minha culpa se tornastes difícil tudo o que é bom? Percebo estas dificuldades, concordo; talvez sejam insuperáveis, mas também é verdade que nos esforçando para preveni-las, prevenimo-las até certo ponto. Mostro o alvo que devemos propor-nos; não digo que possamos alcançá-los, mas sim que aquele que mais se aproximar dele será o mais bem sucedido. (ROUSSEAU, 2004, p.99)

Só “até certo ponto” a sociedade utópica de Rousseau alcançaria seu objetivo, mas que ponto é este? Deixo aqui a dúvida.

Rousseau foi o primeiro crítico do capitalismo e ao fazer esta crítica, atingiu a sociedade mercantil e deu espaço para o liberalismo romântico (HERMAN, 1997, p.38). Com o liberalismo romântico, a burguesia passou a valorizar o estado democrático formado por uma nacionalidade, por uma identidade lingüística e cultural. Rousseau influenciou a política francesa pós-revolução tal como Robespierre e Napoleão. No campo filosófico seu pessimismo continuou tanto em liberais quanto em socialistas.

A crítica ao Iluminismo estava formada, a idéia de Nação francesa como uma civilização verdadeira estava posta em campo. Enquanto isto na Alemanha as nevas só estavam aumentando enquanto as luzes ficavam ofuscadas, a necessidade de uma Nação era maior do que na França. O *Sturn und Drang* estava chegando para fazer uma crítica mais forte do que a crítica de Rousseau. Era a Tempestade e Ímpeto sobre a literatura alemã que faria a crítica ao Iluminismo.

3.0 Tormento e Ímpeto

O *Sturn und Drang* ultrapassou as fronteiras de Rousseau e negou a existência de uma razão universal. A idéia de indivíduo, de uma nação “alemã” veio à tona contra as coroas absolutistas. Para encontrar a “alma” alemã, os jovens do *Sturn und Drang* foram buscar suas raízes na natureza. Esta busca encontrou a Idade Média cheia de lendas e heróis. Ao mesmo tempo em que a Alemanha buscava seu mito fundador, o sentimentalismo invadiu a classe média burguesa desprivilegiada culturalmente. Para eles só no individualismo o “homem” se conhecia e não através de uma Razão cortesã corrompida. A burguesia alemã passou a viver de “Tormento e Ímpeto”, nome dado a uma peça teatral de Maximilian Klinger em 1776, nome que em alemão significa “*Sturn und Drang*”, dado ao movimento literário e cultural.

A corte alemã para esses jovens poetas da classe média foi corrompida pelo Iluminismo francês, daí surge a crítica ao Iluminismo e o pessimismo histórico. Vale salientar que a briga no *Sturn und Drang* não estava no plano político, pois eles não queriam uma Revolução política tal como ocorreu na França. O que os alemães queriam eram valorizar seus próprios costumes, uma identidade cultural e não um Iluminismo estrangeiro que levava a decadência. As diferenças entre as idéias das classes sociais alemães são evidentes, tal como mostra Norbert Elias:

Na Alemanha, igualmente, a burguesia torna-se mais prospera. O rei da Prússia percebe este fato e diz a si mesmo que ele levava ao despertar da arte e da ciência, a uma “feliz revolução”. A burguesia porém, fala uma língua diferente da usada pelo rei. Os ideais e gosto da juventude burguesa, seus modelos de conduta, são quase o oposto dos seus.

Em *Dichtung und Wahrheit* (Poesia e Verdade), Livro 9 escreve Goethe: “Em Estrasburgo, na fronteira francesa, libertamo-nos imediatamente do espírito dos franceses. Descobrimos que seu estilo de vida era regulamentado e aristocrático demais, fria a sua poesia, destrutiva sua crítica literária, e abstrusa e insatisfatória sua filosofia.” (Elias, 1994, p.35)

Contrário ao “progresso corrupto francês” evidenciado por Rousseau, os alemães encara o progresso tristemente.

O início do *Sturn und Drang* ocorreu quando Herder ao viajar para Paris, se apavorou com a moderna e civilizada urbanidade francesa, ao fugir da pavorosa cidade, Herder se instalou em Estrasburgo onde conheceu Goethe, fato ocorrido em 1769 (AUTRUSSEAU, 1974, p. 120). Herder e Goethe foram as personalidades mais conhecidas do movimento. Percebe-se em suas obras um homem ou uma nação sem esperança, característica de um ideal de decadência.

O Goethe mais conhecido da História da Literatura é o autor de Fausto, este já mais erudito, mais recepcionado pela grande *intelligentsia* alemã, o Goethe que tratamos neste artigo é o jovem, o romântico e sentimental que fugia da urbanidade francesa. Sua obra principal conhecida neste período é *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1775), Werther é um jovem que foge da civilização e vai morar no campo, onde vive um extremo sentimentalismo que o acaba levando ao suicídio. Werther via a decadência humana na própria “alma”:

A vida humana não passa de um sonho. A muita gente ocorreu essa impressão que também me acompanha por toda a parte. Quando vejo os limites que aprisionam as faculdades de ação e pesquisa do homem, e como toda atividade visa apenas a satisfazer nossas necessidades, que por sua vez não tem outro objetivo senão prolongar nossa mísera existência; quando verifico que toda a tranqüilidade em relação a certos pontos não passa de uma resignação sonhadora, como um prisioneiro que enfeitasse de figuras multicoloridas e luminosas perspectivas as paredes da sua prisão... tudo, Wilhelm, me faz emudecer. Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo! Mas, também aí, é um mundo mais de pressentimentos e desejos obscuros do que de imagens nítidas e forças vivas. Tudo flutua vagamente em meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem pelo mundo. (GOETHE, 2006, p.18).

Werther é o personagem que se enquadra no *homo romanticus* e desemboca no *homo hystericus*, um homem sem saída, um homem no fim (BRUSEKE, 2004, p.26). Assim como Rousseau, Goethe vê o progresso civilizador como uma “prisão” do qual a única maneira de alcançar a liberdade encontra-se no extremo eu e na natureza. Os costumes naturais em Rousseau tal como foi exposto no *Emílio* são os costumes do qual o *Sturm und Drang* tenta construir para salvar a Alemanha da decadência. Para os dois a natureza humana é limitada, o homem esta cada vez perto de seu fim, pois este não pode amar, sorrir e nem sonhar, a sociedade sucumbe perante uma gaiola de ferro construída pelos Iluministas. É de bom grado repetir que este sentimentalismo estava presente quando as Luzes atavam mais acessas do que nunca. Goethe não viu escapatória para o jovem Werther, pois este teve que se matar para se livrar deste mundo. Agonia de viver em uma realidade progressista e decadente, a única salvação estava no individuo só este poderia resolver seus problemas (e não o Estado). Fugindo da realidade o *homo hystericus* vive um mundo de ilusões, uma ficção do qual o resultado é a morte.

A natureza humana – prossegui – é limitada: ela suporta a alegria, a tristeza, a dor até certo ponto; se ultrapassar ira sucumbir. (...) Nesse caso acho tão absurdo dizer que um homem é covarde por haver dado cabo da própria vida, como seria absurdo chamar de covarde o que esta morrendo de uma febre maligna. (GOETHE, 2006, p.50)

Famoso livro, *Os sofrimentos do Jovem Werther* arrastou suicidas pelo mundo durante os séculos XVIII e XIX como obra fundadora do Romantismo.

Ao discordar do Iluminismo, Herder não pensava a História como cosmopolita, e sim como individualista e variável. Ele compara as nações a uma planta, ela nasce, cresce, floresce e morre, cada nação tem sua característica, sua *kultur*. O pessimismo histórico em Herder está em sua historicidade orgânica das nações, perto do progresso esta a decadência. O Iluminismo revelava um falso progresso tal como foi explicado em Rousseau e isto fica claro em Herder:

E ainda se com tudo isto algum progresso fosse visível? Mas onde se revela ele na História? Nesta só se vê por toda parte destruição, sem qualquer vislumbri de o que aparece de novo ser melhor do que foi destruído. Há nações que florescem e outras que declinam. (...) Triste destino o do gênero humano que, apesar de todos os seus esforços, se encontra preso à roda de Ixion, agrilhado à pedra de Sísifo, condenado a um suplício de Tântalo. (Herder, 2004, p-52)

Para Herder a humanidade estava fadada a um eterno retorno, sempre que se atinge o ápice civilizatório, ocorria a decadência, dos escombros desta decadência surgia uma nova nação, brotava dos restos de uma planta antiga, assim se baseia a História. Este fardo era inevitável. Nota-se que Herder busca a solução para a decadência ao fazer a sociedade retornar para suas origens, sua infância, como descreveu Rousseau, o retorno à natureza. Este retorno para Herder estava no desvendamento da Cultura Popular, daí a ligação entre Herder e os irmãos Grimm: a busca das fábulas. A História é irreversível, a decadência também, daí surgiu o pessimismo de Herder. Com uma identidade cultural forte, a nação alemã estaria mais saudável, a corte alemã era a doença da nação, sem ela a Alemanha ficaria mais próspera e repudiaria a decadência.

A fuga em Herder era para os costumes formadores da nação alemã e cada nação seria uma nação fechada. Este individualismo exagerado derrama no nazismo orgulho e identidade de uma raça ariana. A Alemanha unificada seria uma grande nação, uma nação melhor do que todas as outras e que ao estar em progresso poderia levar outras nações a decadência. Herder foi um grande pensador, sua idéia de nação fermentou a política romântica no século XIX. Toda sociedade estava fadado à decadência, bastava ao “gênero humano” se resguardar na sua cultura, nas suas origens.

Nem só de Goethe e Herder foi feito o *Sturn und Drang*. Para não ficarmos neles mais dois exemplos serão mostrados: Hamann e Schiller.

Johann Georg Hamann (1730-1788) era mais um filósofo sem esperança, a razão como em Goethe era para ele limitada, a angústia leva a interioridade e a interioridade a decadência da alma.

A razão não descobri nada mais do que aquilo que Jô já havia visto, a saber, a desventura do nascimento, a superioridade da morte, a inutilidade e a insuficiência da vida humana, pois não sabemos nada e sentimos em nós paixões e instintos cujas razões não compreendemos. (AUTRUSSEAU, 1982, p-117)

Para Hamann, faltava a sociedade entender o gênio que guia a humanidade, a razão iluminista era insuficiente para entender isto, logo Hamann via a decadência na própria alma, a decadência como algo imanente ao homem. A crítica neste caso ia direto ao racionalismo que trazia a desesperança e não a uma sociedade decadente em si. A razão transcendente levava a emoção imanente. Friedrich von Schiller (1759-1805) foi outro exemplo de escritor atormentado, ele abalou as estruturas absolutistas da Alemanha com sua obra *Os salteadores*, além de ser contra a cultura cortesã, Schiller criticava arduamente os costumes iluministas e assim como os outros via a sociedade européia atual como decadente. Seus personagens tinham caracteres revolucionários como o Karl Moor que tinha como última opção incendiar uma cidade para reverter um Estado inabalável. No livro *Cabala e Amor* o nobre Ferdinando e a humilde Luísa se refugiam da sociedade cortesã e acabam quebrando a estrutura social da época, um escândalo e ao mesmo tempo, uma desesperança com a impossibilidade de mudança. Além de Hamann e Schiller, mais conhecidos do Brasil, há outros autores do movimento tais como Klopstock, Wieland e Lenz.

4.0 Conclusão

O pensamento negativo ligava os pensadores que criticavam o Iluminismo. Rousseau foi o profeta da negatividade, a ovelha negra da família iluminista, o que limpou o terreno para o *Sturm und Drang*, aqui a crítica foi mais ferrenha. “A crítica” não é o resultado destes movimentos. A negatividade e o pessimismo histórico, a História “desconstrutiva” nasce aqui, com a desconstrução da razão dos antigos e dos iluministas. A partir daqui a História corre para o seu fim, não escatológico, mas político seja democrático como foi posto em Fukuyama ou comunista tal como pregava Karl Marx. A partir do Romantismo duas vertentes da direção da História vieram a tona: o progresso e a

decadência. Rousseau e o *Sturm und Drang* foram os percussores da doutrina de uma sociedade decadente, em seu estado final.

Sobre a base da ideologia estão as revoluções. A Revolução burguesa foi preparada para fins progressivos. Ocorre que a sociedade perfeita, “a vontade geral” não foi uma realidade concreta. O pessimismo entre os descontentes fez surgir uma escapatória para a direção da História. Esta direção marcou o Romantismo, uma direção sem volta, a morte da alma e a morte da civilização. No fundo era isto que Rousseau e o *Sturm und Drang* queria trazer de novo: repensar a sociedade burguesa o que daria massa para uma nova pesquisa.

Bibliografia

AUTRUSSEAU, Jacqueline Adamov-. “A Aufklärung, o Romantismo”. In CHÂTELET, François (Org.). *O Iluminismo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

BECKER, Evaldo. “Questões acerca da história em Rousseau”. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp8/becker.pdf>. Acesso em 14 de Julho de 2008.

BRUSEKE, Franz Josef. *Romantismo, mística e escatologia política*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000200003&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em 14 de Julho de 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador Volume 1: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo, Martin Claret, 2006.

HERDER, Johann Gottfried. *Idéias para a Filosofia da História da Humanidade*. IN GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2004.

HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

ITUASSU, Arthur. *Rousseau, Sturm und Drang, civilização e barbárie: representação do embate entre culturas e a atualidade das discussões acerca do iluminismo francês*. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n4_Ituassu.pdf. Acesso em 14 de Julho de 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, UNICAMP, 2003.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *O Contrato social; Discurso sobre a origem das desigualdades; Discurso sobre a arte e a ciência*. São Paulo: Abril cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

_____. *O Emílio ou da Educação*. São Paulo, Martins
Fontes, 2005.